



EDITORIAL

NEGUEM, 30 anos! LULA, 2023!

O ano de 2022 se encerra e inaugura um novo tempo na nossa História. Com a eleição do Presidente Luís Inácio Lula da Silva, após um longo período de desmontes, desmandos, negligências e tensões sociais, além da produção sistemática de narrativas negacionistas persuasivas, dissipam-se as nuvens escuras, ampliam-se os horizontes de possibilidades. Renovam-se nossas esperanças no sentido do fortalecimento das instituições democráticas e reconstrução das políticas públicas no nosso país, particularmente na área da educação, do meio-ambiente e da saúde.

Neste momento, ainda difícil, de enfrentamento e confronto com forças obscurantistas que se organizaram nos últimos anos, buscamos manter nossas lutas feministas e antirracistas, nossas práticas de pesquisa, de ensino e extensão, reafirmando nossos laços acadêmicos e políticos, mas também nossos laços de solidariedade com a comunidade acadêmica e fora dos muros, no âmbito dos movimentos antifascistas e democráticos.

Nessa direção, superando as dificuldades políticas, emocionais e orçamentárias, conseguimos manter nossas publicações sem maior atraso e veicular a produção intelectual de nossos pares, leitoras e leitores, produtoras e produtoras, parceiras e parceiros voltados para o desenvolvimento dos estudos feministas e de gênero.

Outro motivo de imensa alegria. Neste ano de 2022, comemoramos os 30 anos do Núcleo de Estudos de Gênero, o NEGUEM. Resultado de esforços de um conjunto de docentes reunidos em 1992, o Núcleo nasceu, ligado ao Centro de Documentação e Pesquisa em História /CDHIS do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia.

Sintonizado com as teorias e as práticas feministas em andamento na época, articulado com professoras e parceiras de outras Instituições de Ensino Superior da cidade e do país, o Neguem, desde o início, abrigou linhas de pesquisa multidisciplinares, que atravessam áreas e assuntos relevantes: política, memória, violência, sexualidade, educação, trabalho, direitos humanos, saúde, literatura, artes, representações sociais, em suma, pesquisas relativas ao largo espectro temático que emerge a partir dos estudos de gênero e no campo da história das mulheres.

A comemoração do trigésimo aniversário do NEGUEM começou com uma mesa-redonda “História das Mulheres, Gênero e Independências: Brasil 200 anos”, realizada no Auditório do 5 O da UFU, Campus Santa Mônica, dia 06/10/2022, com a participação das Profas. Dras. Vera Lucia Puga (NEGUEM/PPGHI/UFU),

Margareth Rago (HIS-Unicamp/NEGUEM) e Cláudia Maia (HIS-Unimontes/MH/NEGUEM).

Na mesa, realizada no âmbito, também, das comemorações do bicentenário da Independência do Brasil, as palestrantes convidadas trataram da História das Mulheres, das lutas feministas e do avanço dos núcleos e estudos de gênero no país sob a perspectiva da História. O Neguem promoveu, ainda, um Encontro com as fundadoras e novos integrantes do núcleo no dia seguinte, 07/10/2022, realizado no CDHIS/UFU. O NEGUEM, 30 ANOS, representou um momento significativo na nossa história, importante encontro de pesquisador@s, troca de afetos, memórias e alegrias...

Nesta edição, em vista das demandas recorrentes, apresentamos um dossiê com trabalhos reunidos sob a temática **Mulheres, parto e maternidades**. Com nove textos escritos por autoras/es das Ciências da Saúde e das Humanidades, entre elas enfermagem, psicologia, administração, serviço social, o conjunto dos artigos aborda aspectos relevantes do cuidado em relação às mulheres, à saúde reprodutiva, e discutem as práticas e representações do parto e das identidades maternas.

O dossiê foi organizado pelas professoras doutoras da FAMED/UFU, companheiras do NEGUEM – Núcleo de Estudos de Gênero -, Carla Denari Giuliani (FAMED/UFU/NEGUEM), Marcelle Aparecida Barros Junqueira (FAMED/UFU), Maria Cristina de Moura Ferreira (FAMED/UFU), a quem agradecemos pelo trabalho particularmente cuidadoso e dedicado.

Na sessão Artigos Livres, sem perder de vista os assuntos abrigados pela História das Mulheres e os Estudos de Gênero, ou seja, o campo que estrutura e baliza o enfoque central deste periódico, foram reunidos oito artigos com temáticas variadas, de autoras e autores de diferentes áreas do conhecimento, inclusive da História, que apresentamos a seguir:

No primeiro, uma discussão teórica com o título de **Gênero e sexualidade sob a perspectiva da(s) teoria(s) *queer*: uma genealogia de um campo epistemológico “estranho”**, Fabrício Marçal Vilela e Carla Miucci Ferraresi, historiador e historiadora apresentam uma genealogia dos estudos feministas e dos estudos de gênero sob a perspectiva pós-estruturalista e a(s) teoria(s) *queer*. Nesta aventura genealógica, o autor e a autora buscam interpelar estudiosos e estudiosas, incentivando pesquisadores/as a se nutrirem com os instrumentos teóricos e metodológicos propostos por tais territórios e caminhos epistemológicos. Assim, procuram mostrar procedimentos em relação à análise de fontes, e perscrutar ferramentas conceituais de gênero e sexualidade, em um conjunto significativo de obras referenciais.

No seguinte, outro artigo teórico, intitulado **Desenvolvimento regional: estudos decoloniais**, Jozieli Cardenal, Hieda Maria Pagliosa Corona, Marlize Rubin-Oliveira procuram mobilizar um debate epistêmico voltado a problematizar os cânones paradigmáticos da ciência moderna, propondo um manifesto em prol da pluralidade e da diversidade de saberes. Para tanto,

articulam novas perspectivas, entre elas, as feministas Haraway e Lugones, os decolonialistas Grosfoguel, Castro-Gómez e Mignolo, e Boaventura Souza Santos. As autoras, neste trabalho, perseguem a ideia da *deslocalização* dos saberes, em diálogo com estudos de gênero e teorias feministas decoloniais.

No âmbito da Literatura, Edwirgens A. Ribeiro Lopes de Almeida analisa a ficção literária de Lúcia Miguel Pereira, *Em Surdina*. O artigo, intitulado **O trabalho como realização pessoal ou construção da identidade na obra *Em Surdina*, de Lúcia Miguel Pereira**, é lugar para a interrogação da autora sobre a construção das personagens femininas na literatura brasileira. Ela discute, particularmente, a personagem Cecília, e busca enxergar na leitura e na construção da representação feminina uma forma de libertação por meio do trabalho.

Ainda com enfoque na Literatura, agora infantil, no artigo **Recontando clássicos sob a perspectiva dos estudos de gênero**, Fabiana de Oliveira Gomes e Diego Carlos Pereira exploram as possíveis rupturas dos *scripts* de gênero nos livros da coleção infantil ‘A Revolução das Princesas’. A análise proposta possibilita refletir sobre as versões originais dos contos de fadas e compreender outras escritas que questionam os padrões de gênero vigentes e provocam rupturas na normatividade hegemônica.

No nicho do Direito, um artigo que envereda na História das Mulheres procura traçar um panorama da legislação recente. **Mulheres na Política: estudo do protagonismo feminino nos projetos de lei federais de 1997 a 2021**, de Gabriela Fernandes Colnago, e Mariana Barbosa Cirne, revela que elas são 52% do conjunto de eleitores, mas representam apenas 15,3% do Congresso Nacional. A pesquisa analisou 73 projetos de lei federais, de 1997-2021, sobre a representação feminina na política para identificar quem propõem essas normativas, se buscam alguma equidade da representação e quais os partidos que representam.

Da curandeira à cientista: um lugar para o feminino na contemporaneidade é resultado de um estudo, no campo da psicologia, de Lyandra de Mattos e Talita Baladin que procura contextualizar o olhar oferecido às mulheres na sociedade como efeito de um viés religioso, científico e social. Partindo desta premissa, elaborou-se uma reflexão sobre como a ciência constrói, reconstrói e perpetua um certo *status quo* e reforça a impossibilidade das mulheres terem acesso à palavra.

Grupo de mulheres na Atenção Básica: o cuidar de si, artigo de Ana Julia Santos Matos, Alana Pereira Rodrigues, Débora de Souza F. Ramos, Alexandra Iglesias, descreve uma experiência vivenciada com grupo de mulheres em uma Unidade de Saúde da Família de Vitória, no Espírito

Santo. A experiência evidenciou que as mulheres se destacam como importante grupo a ser atendido além das práticas médicas, já que outras dimensões compõem o universo feminino, a partir de uma perspectiva da psicologia.

Por fim, no último artigo desta edição, **Racismo no mercado de trabalho: vivências de mulheres negras**, Cláudia Aparecida Avelar Ferreira examina a situação das mulheres negras brasileiras e estadunidense no mercado de trabalho formal privado. Em abordagem descritiva e qualitativa, com base na Análise de Discurso, o estudo apresenta e explora algumas formas praticadas e anunciadas por mulheres negras para vencer as barreiras, ou seja, ter autoestima, perseverança, ousadia, ser boa profissional, ter qualificação e fazer terapia.

Arrematando esta edição, a resenha de Caroline Leszczynski Nunes Lauermann apresenta uma análise de **Dura Mãe: um espetáculo feminista**, dirigido por Bruna Gomes, encenado pelo grupo Al-málgama em Porto Alegre-RS, em 2019. De acordo com a resenha, a expressão Dura Mãe vem do latim e refere-se a mais externa e espessa meninge cerebral, responsável por proteger o cérebro de impactos e ainda faz a relação direta do sistema nervoso com o cardíaco, remetendo à relação racional e emotiva que percorre o cotidiano feminino. O grupo Al-málgama de dança tribal é composto exclusivamente por mulheres, e traz neste espetáculo, além de toda sua técnica e preparo artístico, a luta pela equidade de gênero. O espetáculo e a resenha são oportunos, portanto, haja vista que, “(...) em meio ao atual cenário político e social, é cada vez mais urgente e necessário a expressão artística enquanto instrumento de luta social” (DURA MÃE, 2019).

Na capa, é possível admirar o trabalho de **Dani Soter**, artista plástica e fotógrafa, que, gentilmente, cedeu uma de suas obras instigantes para abrir esta edição. A quem interessar, sugerimos conhecer mais de sua bela obra no endereço eletrônico www.danisoter.com.br/. Agradecemos a ela, especialmente, e a tod@s que contribuíram para a realização desta edição.

E desejamos a vocês uma boa leitura!

Dulcina Tereza Bonati Borges e
Maria Elizabeth Ribeiro Carneiro

Capa:

Dani Soter
À Mostra
Fotografia Analógica
50 x 80 cm
2002